



A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS NO ESPAÇO DA LITERATURA E DO CINEMA

ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares¹;
CONTRI, Andréia Mainardi²

Resumo:

Neste artigo, são apresentados os estudos realizados até o momento, referentes ao projeto de pesquisa “A construção do feminino: olhar nas gerações da Casa dos espíritos”. O projeto pretende contribuir com as reflexões literárias e cinematográficas, a partir dos estudos da linguagem, enquanto mecanismo de investigação das questões de gênero e representação feminina. A pesquisa tem por objetivo oportunizar o estudo e análise das questões de gênero, representação feminina, a partir do romance *A Casa dos Espíritos*, de Isabel Allende. Apresenta também algumas discussões realizadas sobre a literatura e a película cinematográfica a ser estudada.

Palavras-chave: Literatura. Cinema. Linguagem. Gênero.

Resumen:

En este artículo presenta el estudio realizado hasta el momento del proyecto de investigación titulado "La construcción de lo femenino: mirar a las generaciones de la casa de los espíritus." Este proyecto tiene como objetivo contribuir a las reflexiones literarias y cinematográficas, a partir de los estudios de la lengua como un mecanismo de investigación de las cuestiones de género y la representación de las mujeres. El proyecto presentado previamente tiene como objetivo proporcionar la oportunidad para el estudio y análisis de las cuestiones de género, la representación de las mujeres, a partir de la novela *La casa de los espíritus*, de Isabel Allende. Presenta también discusiones hechas sobre la literatura e el película de cine que está sendo estudiado.

Palavras-clave: Literatura. Cine. Linguaje. Género.

Introdução

Este artigo apresenta os primeiros resultados do subprojeto “A construção do feminino: olhar nas gerações da Casa dos espíritos”, do projeto PIBIC-CNPq/UNICRUZ, denominado

¹ Doutora em Letras (UFRGS). Docente e Coordenadora do Curso de Letras (UNICRUZ). Pesquisadora e Coordenadora do GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação. Orientadora da Pesquisa. E-mail: ctavares@unicruz.edu.br

² Acadêmica do 7º semestre de Letras – Português/Espanhol (UNICRUZ). Bolsista PIBIC-CNPq/UNICRUZ. Membro discente do GEPELC. E-mail: deiamainardi@bol.com.br



“Práticas socioculturais: a representação pela arte literária e cinematográfica”, vinculado ao GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação.

Inicialmente faz-se um levantamento teórico sobre o desenvolvimento da linguagem e seu contexto intertextual que envolve a literatura e o cinema. Logo após uma breve introdução sobre o período literário da obra em estudo *A Casa dos Espíritos*, de Isabel Allende (1982). Por fim apresentam-se algumas discussões sobre as questões relativas à identidade feminina na obra, em paralelo com a versão desenvolvida para o cinema, que leva o mesmo título, com direção de Billie August (1993).

Metodologia

O subprojeto está inserido na linha de pesquisa de linguagem, comunicação e sociedade, e a pesquisa continua a ser qualitativa, de caráter bibliográfico e hermenêutico.

Para isso, os estudos buscam um vínculo entre conhecimentos da literatura e da cinematografia, com o propósito de contribuir com os estudos de gênero e representação feminina, que se tornam visíveis pela linguagem e nos recursos imagéticos utilizados pela película cinematográfica.

Resultados e discussões

O vínculo entre literatura e cinema estabeleceu-se desde os primórdios da criação do cinema. Sua relação se dá de várias maneiras e a comparação entre literatura e cinema mostra a intertextualidade entre essas artes e, com isso, o desenvolvimento de sua linguagem. De acordo com Avellar (2007, p.277), Eisenstein usou a literatura “[...] como um material de vida para se integrar e iluminar o filme”.

Dessa forma, contextualizar a literatura e o cinema, antes de trazer as referidas abordagens de gênero, faz-se necessário para melhor compreensão das discussões a seguir.

Sendo a literatura uma forma de arte, pode-se dizer que o artista dispõe de possibilidades para criar e recriar a realidade, detendo em suas mãos a capacidade de moldar o que deseja exprimir. Atua, assim, como um transformador de mundos, de ideias, de sentimentos, utilizando-se da linguagem para se expressar.



WELLEK & WARREN (1976) fala que “[...] a linguagem é o material da literatura, tal como a pedra ou o bronze o são nas esculturas, as tintas da pintura, os sons das músicas”. Dessa maneira, a linguagem é que constitui e dá formas à literatura.

Nessa direção, Coutinho (1978) afirma que:

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade (COUTINHO, 1978, p.9 - 10).

A linguagem utilizada para a expressão do autor, na literatura, passa por uma transfiguração no momento em que cada leitor a realiza, pois além dos signos empregados, no texto, pelo autor, estão as subjetividades que constituem cada um. Como se percebe, literatura é vida, sentimento e é através dela que o sujeito tem contatos com outros pensamentos e outras verdades.

Enfim a literatura entendida como uma arte, ou um fenômeno artístico se constitui de obras imortalizadas, até criações nunca apresentadas, que representam o fantástico mundo imaginário que o indivíduo no seu interior pode criar e que faz tanto sucesso até hoje.

Contri e Alves (2014) afirmam que a relação entre cinema e literatura não se limitou ao território das adaptações das histórias literárias. Alguns filmes passaram a utilizar personagens, situações e fragmentos de obras literárias, os quais se articulam na tessitura de um roteiro que dialoga com elementos extrínsecos à unidade do texto, colaborando para sua composição.

Por isso o cinema pode também incorporar outras formas artísticas, como: a pintura, a dança e a escultura, ocorrendo uma pluralidade de significados. Foi a partir dos estudos de Genette (1980) e Stam (2006) que se aponta para a intertextualidade decorrente da prática de adaptação no cinema como uma prática de transformação de um “hipotexto” (o texto original) que, em sua forma adaptada, pode ser transformado através de uma série de operações como seleção, amplificação, concretização, atualização, crítica e recontextualização.

Ao contrário de análises centradas na fidelidade do filme à obra literária, na relação intertextual não se prevê uma hierarquização de valores, podendo o filme ser analisado em todas as suas modificações ideológicas, técnicas, críticas e interpretativas, partes integrantes de qualquer processo de adaptação.



O cinema, por ter uma linguagem específica, que inclui tanto uma diversidade de gêneros narrativos como o uso de certas técnicas vinculadas à montagem, som e fotografia, pode dispor de relações intertextuais que são próprias a esse tipo de arte. Diversos filmes conseguem remeter a outros filmes, quando parodiam gêneros cinematográficos, como o do *western*, o filme de *gangster*, ou de qualquer outro gênero do cinema.

É nesse processo intersemiótico que a adaptação necessita ser vista, não como uma segunda obra, necessariamente fidedigna a um romance ou a um texto histórico, mas como obra independente, capaz de recriar, criticar, parodiar e atualizar os significados do texto adaptado.

Pensar o cinema apenas como arte ou somente como técnica pode causar o empobrecimento deste aporte cultural.

Oliveira & Careli (2008) ressaltam:

Enquanto na literatura há um ambiente pelo qual somos guiados a sentir os personagens de uma obra, o cinema envolve todos os sentidos e preenche sensações com imagem e som. São imaginários diferentes que preenchem sentidos diferentes, daí o princípio também de analisá-los de forma distinta (OLIVEIRA & CARELI, 2008, p.3).

Ao assistir a um filme, o telespectador vive uma realidade, mesmo que ficciosa, movimenta-se com os personagens e seus papéis, como se estivesse em um sonho. Bernardet (2000, p.12) faz uma comparação de cinema e sonho: “Um pouco como um sonho: o que a gente vê e faz num sonho não é real, mas isso só sabemos depois, quando acordamos. Enquanto dura o sonho, pensamos que é verdade”.

De acordo com Oliveira & Careli (2008),

As formulações que caracterizam as narrativas dos filmes não são menos importantes do que a receptividade do espectador. É na projeção que esse espectador percebe o estoque de imagens. Para além das imagens, o imaginário. E aqui nos utilizamos o conceito de Deleuze para imaginário, para quem imagem, imaginário, imaginação pertencem à representação de um objeto ou a reprodução mental de uma sensação (OLIVEIRA & CARELI, 2008, p. 1).

Atualmente, a indústria cinematográfica utiliza, de forma intensa, a intertextualidade, com o propósito fundamental de ampliar a linguagem do cinema tradicional e oferecer ao público uma diversidade de textos e de elementos significativos. Acostumados a encontrar uma oferta abundante de linguagens na Internet e nos ambientes digitalmente expandidos, os usuários agora esperam tal diversidade.



Turner (1997) afirma que um dos resultados da ruptura entre os estudos sobre cinema e uma tradição predominantemente estética é o abandono da ideia de que em um filme havia um núcleo de significado que o público deveria descobrir. Os significados são vistos como produtos da leitura de um público e não como uma propriedade. O público dá sentido aos filmes, e não meramente reconhece significados ocultos.

Por fim, percebe-se, numa breve discussão, que tal participação é uma necessidade nos ambientes comunicacionais atuais, pois os receptores não aceitam mais as informações com a passividade tradicional.

Para iniciar a discussão sobre a construção do feminino nas gerações, no âmbito do romance *A casa dos espíritos* (1982), de Isabel Allende, faz-se primeiramente necessário contextualizar a obra, quanto ao emprego de sua principal estratégia narrativa. Trata-se de uma obra latino que está inserida em uma escola literária, denominada realismo mágico.

O realismo mágico é uma escola literária surgida no início do século XX. Também é conhecido por realismo fantástico, ou realismo maravilhoso, principalmente em espanhol.

No contexto histórico, o realismo mágico surgiu em um dos períodos mais conturbados da América Latina. Entre as décadas de 60 e 70, os países latino-americanos passavam por processos ditatoriais. Desta maneira, o realismo mágico surge como uma forma de reação, utilizando o elemento mágico como reforço das palavras contrárias aos regimes dos ditadores. Outro aspecto que influenciou o realismo mágico foi a discrepância entre cultura da tecnologia e cultura da superstição que havia na América Latina, naquela época.

Antes de se iniciar uma discussão sobre a constituição do feminino na literatura, é preciso atentar para o fato de as questões de gênero são, antes de mais anda, “ato político, pois remetem às relações de poder inscritas nas práticas sociais e discursivas de uma cultura que se imaginou e se construiu a partir do ponto de vista normativo masculino”. (SCHMIDT, 1997, p. 185). E não é por acaso que até hoje a desigualdade entre os gêneros masculino e feminino ainda persistem em nossa sociedade.

Na literatura latino-americana, observam-se as publicações de mulheres escritoras, somente a partir da década de 1980. As publicações geralmente passam a propagar a voz e o olhar femininos sobre os fatos locais e eventos históricos importantes, sempre marcados por lutas. Visto que a conquista de um espaço feminino sempre veio contrária à ideia de “[...] negação da legitimidade cultural da mulher como sujeito do discurso, exercendo funções de



significação e representação”. (SCHMIDT, 1997, p. 183). Alves (2014) apud Diniz (2009) traz um recorte para exemplificar as condições de vida do gênero feminino, no contexto literário:

A linguagem tem o poder de criar a realidade social através dos atos de elocução dos sujeitos falantes. É como se existissem dois planos de realidade: o sexo pertencente a uma realidade discursivamente construída, e essa realidade discursiva emerge de uma ontologia pré-social que explica a constituição do discurso. O direito de fala plena é, entretanto, conferido aos homens e negado às mulheres, como se eles tivessem nascido com a faculdade do universal, e a mulher tivesse nascido condenada ao particular (ALVES, 2014 apud DINIZ, 2009, p.13).

Em relação à experiência pessoal de Allende sobre o golpe militar, há que se destacar que é brilhante e emocionante, refletindo a dor de toda uma geração de mulheres chilenas. Por outro lado, é necessário salientar que é o feminismo lírico que torna o romance *A casa dos espíritos* (1982) excepcional, prestando tributo à mulher chilena, em particular, e a todas as mulheres do mundo, em geral. Verifica-se que as atitudes das personagens da obra nem sempre estavam adequadas ao comportamento feminino imposto pela sociedade da época, pelo interesse do sistema patriarcal. Permitia-se ao homem o domínio da figura feminina, sendo esta manipulada em mãos masculinas e servindo como um objeto de seus desejos.

A Casa dos Espíritos (1982), de Isabel Allende, livro e sua versão cinematográfica em estudo, de Billie August (1993) narram a saga da família Trueba. Seu personagem principal é o latifundiário e senador Esteban Trueba, que convive ao lado de mulheres dotadas de clarividência, como Clara, a esposa, e Alba, a neta, uma socialista, com visão de mundo contrária ao patriarca e seus asseclas e que se apresentam no romance como sujeitos ativos e constituintes de discurso. Assim, embora ainda em termos preliminares, uma vez que a pesquisa está em andamento, é possível apontar que as personagens Clara e Alba, especialmente, tanto na obra literária, quanto na película cinematográfica, representam, em gerações distintas, posições que rompem com os modelos socioculturais da época, em busca de sua identidade própria e consequente emancipação.

Allende apresenta em seu romance uma ampla visão sobre a história chilena do século XX, mas, mais que o momento histórico, ela coloca em cheque o poder da figura feminina e sua importância, marcando toda a narrativa com acontecimentos que retratam mulheres fortes que lutam pelo que acreditam.



Criticadas e pouco valorizadas por uma sociedade conservadora, as personagens representam algo mais que feminismo, representam a luta da mulher e da sociedade contra a prepotência tipicamente masculina, altamente observada pela sociedade a que pertenciam.

Considerações finais

A pesquisa que está dando continuidade à investigação sobre literatura e cinema, agora com enfoque para as questões de gênero, está aprofundando ainda mais as reflexões, no eixo dos estudos comparados.

Dessa forma, o componente da linguagem, como centro da elucidação a que se busca, aponta para a relevância da proposta de pesquisa, pela sua pertinência, nos estudos literários e cinematográficos, além de trazer à tona indicadores sociais e culturais, contribuindo assim para aprofundar a cientificidade, na área das linguagens.

A obra de Allende recorre ao realismo mágico para colocar lado a lado questões do real e do imaginário, ao mesmo tempo em que expressa a subjugação da mulher, bem como posturas femininas que lutam pela emancipação, que participam de questões sociais, culturais e políticas que constituem a sociedade, que permite somente ao homem espaços de poder e à mulher apenas o espaço das relações da família.

Ao lado da riqueza da criação literária, mesmo que para a época em que escreveu Allende não pudesse escrever claramente, quem sabe todas as suas intenções de ordem política, através da criação de seus fantásticos personagens, até hoje podem ser extraídos de sua obra, inúmeros estudos e considerações sobre as vozes, a identidade e a cultura dessas mulheres tão importantes e pouco valorizadas pela sociedade e que buscam até hoje seu espaço social.

Referências Bibliográficas

ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares; CONTRI, Andréia Mainardi; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. Literatura & Cinema: a perspectiva do feminino. **Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Cruz Alta V. 02 nº 1, 2014. Disponível em: <<http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/electronica/article/view/1737>> acesso em: 02 maio 2015.

ALLENDE, Isabel. **A casa dos espíritos**. (1982). (Tradução de Carlos Martins Pereira). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

AUGUST, Bille. **A casa dos espíritos**. [Filme-vídeo]. Produção de Bille August. Estados Unidos, Costa do Castelo Filmes, 1993, 1 cassete VHS, 140min. color. Son.

AVELLAR, José Carlos. **O chão da palavra**: cinema e literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CONTRI, Andréia Mainardi & ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares. Literatura, Cinema e Práticas Socioculturais. In: XVI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, 1, 2014 Cruz Alta. **Anais**. Cruz Alta: UNICRUZ. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2014/DIREITO%20C0%20OPINI%C3O%20E%20C0%20EXPRESS%C3O/ARTIGO/artigo%20Literatura,%20cinema%20e%20pr%E1ticas%20socioculturais>>. Acesso em: 01 maio 2015.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Realismo e anti-realismo na literatura brasileira na era colonial**. 2 ed. São Paulo, Cultrix, 1965.

GENETTE, G. **Narrative discourse**: an essay in method. Ithaca: Cornell University Press, 1980.

OLIVEIRA, Daniela Garces & CARELI, Sandra da Silva. **Cinema e literatura**: dois produtos culturais que constroem um discurso. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST52/Oliveira-Careli_52.pdf> Acesso em: 02.mai.2015.

DINIZ, Ana Maria. **A catalisação do feminino no universo da ficção e da memória em Gabriel García Márquez**. (Tese de Doutorado), Porto Alegre: UFRGS, 2009.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. (Org.). **Mulheres e Literatura (trans)formando identidades**. Porto Alegre: Palotti, 1997.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Tradução de Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2006.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.

WELLEK, René & WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. 3 ed. Lisboa, Publicações Europa-américa, 1976.